

CONFERÊNCIA GLOBAL DE TEOLOGIA REFLEXÕES FINAIS
Dick O. Eugenio, docente da APNTS

Sou grato pelo privilégio de me dirigir aos delegados e compartilhar minhas simples reflexões. Eu apreciei verdadeiramente o caráter multigeracional da conferência, evidenciado pela presença e pelo papel desempenhado por mentes jovens como a minha. Além disso, a dimensão multicultural das discussões adicionou uma atmosfera memorável. Enquanto o estímulo intelectual e a edificação mútua durante a conferência foram esplêndidas, a interação social entre os nazarenos globais em deliberações formais e diálogos informais foi particularmente enriquecedora e encorajadora. Eu fui verdadeiramente abençoado por ter feito parte da conferência.

A conferência pode ter terminado, mas minha mente ainda está comovida pelas percepções e perguntas proferidas durante o evento. Durante a sessão plenária final, percebi que a conferência estava lidando com pelo menos três tensões diferentes e os delegados estavam oscilando entre os dois extremos de cada segmento de continuidade. Primeiro, houve uma tensão perceptível entre os elementos *descritivos* e *prescritivos* das reflexões teológicas. A maioria dos trabalhos, incluindo o meu, eram descritivos, porque procuravam articular temas bíblico-teológicos e definir realidades histórico-contextuais específicas. Os delegados, no entanto, estavam indubitavelmente mais preocupados com a prescrição do que com a mera descrição. Havia uma sensação de impaciência para que pudéssemos ir além do intelectualismo em direção ao real engajamento missional-ministerial. Até mesmo nas pequenas discussões em grupo havia a tendência de se fazer a pergunta: "E agora?" Como livro evangélicos, os nazarenos são predominantemente ativistas. Isto é tanto positivo quanto negativo, mas como Teólogo, eu me pergunto se algum dia haverá um espaço para que a reflexão providencie uma integridade própria quando nos encontrarmos como uma igreja global, onde e quando pensarmos juntos sobre definições. Não podemos deixar as reflexões teológicas confinadas em nossas instituições, especialmente porque nossas definições devem refletir tanto a natureza multicultural e multigeracionais da igreja.

A segunda tensão foi entre as formas de pensar, *reativas* e *construtivas*. Vários dos artigos e perguntas estavam reagindo a algo, e a abordagem da definição era perguntar como somos diferentes de

grupos ou ideologias específicas. Seguindo o caminho da negação, o procedimento é começar pensando o que não devemos ser e o que não devemos fazer. Embora haja mérito nessa tática, começar nossa auto-definição com critérios como “não somos coloniais”, “não somos pentecostais” ou “não somos católicos romanos” coloca muita restrição sobre o que podemos dizer sobre nós mesmos. A reflexão resultante pode ser denominacionalmente paroquial. Felizmente, há delegados que são mais construtivos em suas propostas, particularmente os da geração mais jovem. A preocupação deles não é olhar para o passado em relação a questões sócio-políticas a igreja esta vindo. Com tendências no sentido da desconexão histórica e apatia circunstancial, a ênfase não é olhar para o passado, mas imaginar o futuro. A proposta não é gastar tempo em lembrar os eventos amargos do passado, mas perdoar, esquecer e seguir em frente. Nossos esforços, argumentam os construtivistas, precisam ser gastos de maneira mais benéfica para pensar no futuro e em como podemos chegar lá com graça. Pessoalmente, eu apoio essa direção. Não precisamos mais desperdiçar nosso tempo discutindo os erros de nossos predecessores cristãos. Eles apenas evocam pensamentos amargos e abrem feridas curadas. Precisamos seguir em frente e dedicar mais tempo em como podemos responder à situação contemporânea.

Finalmente, existe a tensão entre o *restauracionismo* e o *progressivismo*. Nossas definições Cristológicas precisam ser bíblica e teologicamente fiéis à tradição cristã, o que significa que os jargões antigos e categorias (como a natureza divina-humana de Cristo) inevitavelmente emergem nas discussões, mas também somos desafiados a fazer nossas apresentações de como Cristo é relevante em nossos próprios contextos. Nossa compreensão do que significa imitar e seguir Jesus Cristo nos dias de hoje também precisa estar em equilíbrio com o que significa tomar a cruz nos tempos do Novo Testamento e como isso precisa ser traduzido e vivido no mundo contemporâneo. Missões, em obediência ao envio de Cristo, precisa estar em equilíbrio entre a imitação fiel de como Jesus Cristo a fez e de forma criativa como fazemos hoje. A tensão está entre quais aspectos da Cristologia, discipulado e missões do Novo Testamento podem ser restaurados para uso hoje, e que inovações progressistas podem ser empregadas hoje que podem manter o rótulo de “cristão”. Certamente não podemos argumentar que a solução é

retornar ao cristianismo do Novo Testamento (como alguns grupos ao longo da história propuseram), mas também não podemos abandonar as definições apostólicas porque pensamos nelas como completamente irrelevantes em nossa geração atual. Precisamos da *via media* (equilíbrio). Precisamos pensar juntos para definir os critérios e limites que acomodam o melhor de cada lado, porque, quer gostemos ou não, precisamos ser restauracionistas e progressistas ao mesmo tempo.